

Pregação golpista em braile

Villas-Bôas Corrêa



Há pouco mais de um mês, de retorno de viagem turística — acoplada a evidente armação política — que se espichou em andanças pela metade do mundo, Jânio Quadros montou a cena da renúncia à candidatura que fracassara, apelando, como de costume, para o patético: da sacada da sua mansão do Morumbi, ao lado da lacriméjante dona Eloah, anunciou com voz embargada, aos repórteres que, armados de microfones e câmeras, amargavam longa espera, a decisão final, invocando como desculpa para não ler o curto comunicado oficial e solene o mesmo dramático motivo que o invalidava para o exercício da presidência: clinicamente classificado como ambliope, era um condenado à cegueira pela fatalidade de diagnósticos de especialistas.

A razão precisa do amargo cancelamento do projeto da candidatura — urdido com todos os requintes e larga antecedência, conduzido pela competência de articuladores autorizados e até com a escora de assessoria especializada, importada do México — era outra e sabida. Jânio esperou que o centro em colácas, no pavor da eleição de um dos parceiros da dupla esquerdista — Brizola ou Lula —, implorasse seu sacrifício para a salvação da pátria dos conservadores. Demorou demais, quem vai ao ar perde o lugar: Collor de Mello disparou nas pesquisas e praticamente todas as legendas estavam ocupadas pelos proprietários ou inquilinos.

Mas, retomemos ao fio do novelo. Malas desarrumadas com a amargura de quem andou à toa, espairecendo à larga, para colher no regresso a flor murcha da decepção, Jânio mergulhou em incansável atividade jornalística, escrevendo longos artigos, de encher, em tipo miúdo, meia página semanal.

De logo, uma intrigante perplexidade: o renunciante que, ainda outro dia, não conseguiu ler, à luz do dia, algumas linhas da sua inconfundível e rebuscada autoria, pelo visto recuperou miraculosamente a visão e até se jacta de enxergar mais e mais longe do que os basbaques aos quais se propõe a esclarecer com seus conselhos, embalados em tenebrosas previsões de iminentes catástrofes.

Mas, o último artigalhaço acrescenta à estupefação pela aloprada receita salvadora, outro inesperado dado desnortante. Pois não é que Jânio, de uma semana para outra, mudou o estilo? Trocou o empolado pernóstico do fraseado obliquo, as preciosidades pronominais, por texto enxuto, direto, claro, corrido. Adotou a linguagem do jornal.

A transformação súbita espicaça a especulação, estimula farejar hipóteses. Talvez incorra no pecado da maledicência comparando a simplificação à velha trampa, ainda utilizada, de certo tipo de certo costurado, por baixo do pano, entre cantores de sucesso com pobres compositores anônimos ou com dificuldades para gravar seus sambas. Quem é do ramo ou sabe das coisas, não desconhece que muitos clássicos da música popular têm a autoria partilhada entre o compositor de fato e o intérprete, que não acrescentou uma única nota à música ou uma palavra aos versos.

Não deve ser isso. Quem sabe, para superar o fantasma da cegueira, Jânio antecipou-se e, com obstinação aplicada, aprendeu braile em curso rápido, por correspondência? Tudo é possível. A anaglipografia, sistema de escrita em relevo, embarcando aprendiz talentoso, pode justificar, ao mesmo tempo, o paradoxo do texto e a barafunda da proposta.

É hora de ir ao principal. Pois não é que Jânio ultrapassa todos os limites da sensatez para oferecer aos políticos que não encomendaram sermão, como saída para a crise que se agrava e que profetiza que nos levará, a todos, para as profundas do capeta, a antecipação para agora, do plebiscito, previsto para 1993 pela Constituição de 5 de outubro de 88 — com menos de ano da idade, engatinhando nos oito meses e 23 dias —, para que o povo decida entre a manutenção do presidencialismo ou

a mudança para o parlamentarismo, daqui a menos de cinco meses, a 15 de novembro, simultaneamente com o primeiro turno da eleição presidencial.

Vale a pena consumir alguns minutos de reflexão, pois não estamos apenas diante de uma extravagância, de birrutice que não carece ser levada a sério e não mereça mais do que a irritação e o desinteresse.

Basta atentar nas repercussões, reparar no fundo do palco onde se acomoda o coro fardado que entoia os refrões de apoio.

Dá voltas ao estômago; queima em azia e arde em náuseas cumprir o dever de desmanchar a intrigalhada golpista que se articula com o cinico desembaraço da conjugação de ambições e interesses ocasionalmente coincidentes.

Jânio como novo Raul Pilla da pregação do parlamentarismo soa como sacrilégio de ateu debochado.

Um ex-presidente, mesmo renunciante após sete meses de mandato, deve dar-se ao respeito. Jânio é sabidamente um temperamento autoritário, folclórico, mas centralizador. Típica expressão de presidencialista com inclinações à ditadura e que se pela por uma parceria militar. Ainda agora, quando iniciou a operação da desistência à candidatura inviável, pretextou que não o atraia exercer o poder com as atuais limitações constitucionais. A conversão ao parlamentarismo, ainda que dissimulada, baixa ao nível da farsa.

Parece trama de amadores, espetáculo mambembe improvisado na hora, na aflição da emergência. Os fatos são de ontem. Há muito que o Legislativo, em todas as pesquisas, vem sustentando crescente inclinação majoritária pelo parlamentarismo. O sistema de governo não foi trocado pela dificuldade do *quorum* especial para a aprovação de emenda constitucional. Agora, na última Constituinte, desde a sua composição, diferentes pesquisas detectaram maioria de 60% a 70% a favor do parlamentarismo. Resultados perfeitamente coerentes com os índices anteriores.

Tanto que a Constituinte elaborou todo o texto da atual Carta no modelo parlamentarista. Na presunção, na certeza de que o parlamentarismo seria a alternativa renovadora a ser adotada depois de um século de turbulências do presidencialismo republicano.

A Constituinte recuou — em página de vergonha, na marcha à ré presidencialista e na fixação dos cinco anos de mandato para o presidente José Sarney — espremida pelo rolo da máquina de favores do governo e ajoelhada diante das ameaças militares.

Que diabo de reviravolta é essa, para, de repente, o parlamentarismo ser inculcado como panaceia para a crise pelos seus inimigos jurados, pelos que o derrubaram na Constituição híbrida que despenca na estima do povo pela omissão do Congresso?

A explicação é transparente: medo da derrota, medo da eleição, medo do povo, medo do eleitor.

Curioso é que o casuismo armou a tripeça para garantir eleição de candidato de nitido talhe conservador. O eleitorado é que não aceitou o cabresto e vem semeando a campanha de imprevistos.

É só conferir na coleção das pesquisas. Primeiro, a repulsa à candidatura natural do doutor Ulysses, amparada pela engrenagem do PMDB. Depois o susto do favoritismo sazonal de Brizola e Lula, ameaçando classificação da dupla da esquerda para o segundo turno. Agora, o fenômeno Collor de Mello.

A princípio, arrancando suspiros de alívio. Parecia a saída aberta no muro impenetrável.

Pois agora, nem Collor está satisfazendo ao exigente paladar dos donos do poder: candidato sem passado, sem compromissos, dizendo coisas provocadoras, como a determinação de extinguir o SNI ou fundir os três ministérios militares no Ministério da Defesa, e ainda prometendo nomear ministro civil.

Retornou, sob nova roupagem, à intranquilidade dos senhores donos do país. Clima perfeito para a colocação, como sondagem, de opções. O primeiro ensaio é o parlamentarismo para já. Se pegar, ótimo. Se for recusado, fica a advertência, renovável na devida oportunidade.

É isso ou Jânio pirou de vez.